

## VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS EM LÍNGUA TIKUNA

PHONETIC AND PHONOLOGICAL VARIATION OF CONSONANTAL AND VOCALIC SEGMENTS IN THE TIKUNA LANGUAGE

VARIACIÓN FONÉTICO-FONOLÓGICA DE LOS SEGMENTOS CONSONÁNTICOS Y VOCÁLICOS DE LA LENGUA TIKUNA

Josiney Basto Gabino<sup>1</sup>  
Solano Guerreiro da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa investiga a variação fonético-fonológica da língua Tikuna em duas comunidades indígenas situadas no Alto Solimões, buscando compreender como diferentes realizações linguísticas se manifestam entre os falantes e quais fatores podem influenciar tais ocorrências. O estudo fundamenta-se nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, especialmente nas contribuições de Labov, Mollica e Braga, bem como em estudos fonético-fonológicos desenvolvidos por Silva e em pesquisas voltadas à descrição da língua Tikuna. Adotou-se uma abordagem qualitativa e descritiva, baseada na análise de dados linguísticos coletados junto aos acadêmicos indígenas oriundos das comunidades Tikuna de Feijoal e Betânia. O corpus foi constituído por produções linguísticas registradas em contexto de pesquisa de campo, posteriormente submetidas à análise fonética e fonológica. Os resultados evidenciaram a ocorrência de variações sistemáticas envolvendo segmentos vocálicos e consonantais, incluindo processos de substituição, supressão e reorganização silábica. As diferenças observadas nas falas dos acadêmicos indígenas Tikuna revelam que a língua Tikuna apresenta padrões de variação condicionados por fatores linguísticos e socioculturais, confirmando sua natureza dinâmica e heterogênea. Conclui-se que as variantes identificadas constituem manifestações legítimas da diversidade linguística interna da língua Tikuna e contribuem para a ampliação do conhecimento sobre sua estrutura fonético-fonológica, reforçando a importância da documentação, descrição e valorização das línguas indígenas brasileiras.

**Palavras chave:** Língua Tikuna. Sociolinguística variacionista. Variação fonético-fonológica. Línguas indígenas. Diversidade linguística.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Letras - Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, Instituto de Natureza e Cultura - INC, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Benjamin Constant-Am, Brasil.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, Instituto de Natureza e Cultura - INC, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Benjamin Constant-Am, Brasil.

**ABSTRACT:** The present research investigates the phonetic-phonological variation of the Tikuna language in two indigenous communities located in Alto Solimões, seeking to understand how different linguistic realizations manifest among speakers and which factors may influence such occurrences. The study is grounded in the assumptions of Variationist Sociolinguistics, particularly in the contributions of Labov, Mollica, and Braga, as well as in phonetic-phonological studies developed by Silva and in research focused on the description of the Tikuna language. A qualitative and descriptive approach was adopted, based on the analysis of linguistic data collected from indigenous academics originating from the Tikuna communities of Feijoal and Betânia. The corpus consisted of linguistic productions recorded in a field research context, subsequently submitted to phonetic and phonological analysis. The results evidenced the occurrence of systematic variations involving vowel and consonant segments, including processes of substitution, suppression, and syllabic reorganization. The differences observed in the speech of the Tikuna indigenous academics reveal that the Tikuna language exhibits variation patterns conditioned by linguistic and sociocultural factors, confirming its dynamic and heterogeneous nature. It is concluded that the identified variants constitute legitimate manifestations of the internal linguistic diversity of the Tikuna language and contribute to the expansion of knowledge about its phonetic-phonological structure, reinforcing the importance of documentation, description, and appreciation of Brazilian indigenous languages.

**Keywords:** Tikuna language. Variationist sociolinguistics. Phonetic-phonological variation. Indigenous languages. Linguistic diversity.

**RESUMEN:** La presente investigación estudia la variación fonético-fonológica de la lengua tikuna en dos comunidades indígenas situadas en el Alto Solimões, con el propósito de comprender cómo se manifiestan diferentes realizaciones lingüísticas entre los hablantes y qué factores pueden influir en dichos fenómenos. El estudio se fundamenta en los presupuestos de la Sociolingüística Variacionista, especialmente en los aportes de Labov, Mollica y Braga, así como en los estudios fonético-fonológicos desarrollados por Silva y en investigaciones orientadas a la descripción de la lengua tikuna. Se adoptó un enfoque cualitativo y descriptivo, basado en el análisis de datos lingüísticos recolectados junto a académicos indígenas oriundos de las comunidades tikuna de Feijoal y Betânia. El corpus se constituyó a partir de producciones lingüísticas registradas en contexto de trabajo de campo, sometidas posteriormente al análisis fonético y fonológico. Los resultados evidenciaron la ocurrencia de variaciones sistemáticas que involucran segmentos vocálicos y consonánticos, incluyendo procesos de sustitución, supresión y reorganización silábica. Las diferencias observadas en el habla de los académicos indígenas tikuna revelan que la lengua tikuna presenta patrones de variación condicionados por factores lingüísticos y socioculturales, lo que confirma su naturaleza dinámica y heterogénea. Se concluye que las variantes identificadas constituyen manifestaciones legítimas de la diversidad lingüística interna de la lengua tikuna y contribuyen a la ampliación del conocimiento sobre su estructura fonético-fonológica, reforzando la importancia de la documentación, la descripción y la valorización de las lenguas indígenas brasileñas.

**Palabras clave:** lengua Tikuna. Sociolingüística variacionista. variación fonético-fonológica. lenguas indígenas. diversidad lingüística.

## INTRODUÇÃO

A Língua Tikuna é falada por diversas comunidades indígenas Tikuna localizadas na região do Alto Solimões e apresenta características próprias que a tornam objeto de interesse para pesquisadores indígenas Tikuna e não-indígenas da área da Linguística. Apesar dos estudos

já realizados sobre essa língua, percebe-se que ainda são poucas as pesquisas voltadas especificamente para a investigação das variações fonético-fonológicas dos segmentos consonantais e vocálicos presentes na fala de diferentes comunidades Tikuna.

Esta pesquisa, intitulada “A variação fonético-fonológica dos segmentos consonantais e vocálicos da língua Tikuna”, é resultado do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), na modalidade voluntária, desenvolvido em 2021 no Instituto de Natureza e Cultura (INC), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), sob a orientação da Professora Doutora Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio. Esta pesquisa busca compreender como essas variações se manifestam na fala dos acadêmicos Tikuna oriundos das comunidades indígenas de Feijoal (Dautchitape’e)<sup>3</sup> e Betânia (Me’cürane)<sup>4</sup>. As comunidades indígenas de Feijoal e Betânia estão localizadas em municípios distintos da região do Alto Solimões-Amazonas, a saber, Benjamin Constant e Santo Antônio do Içá, respectivamente. As duas comunidades encontram-se geograficamente separadas, fator que pode contribuir para a ocorrência de diferenças linguísticas observadas entre seus falantes. Parte-se da compreensão de que a língua é dinâmica e apresenta diferentes formas de realização entre seus falantes, razão pela qual acreditamos que possam existir diferenças fonético-fonológicas relacionadas às particularidades linguísticas de cada comunidade.

A relevância deste estudo está na possibilidade de contribuir para o conhecimento sobre a Língua Tikuna, especialmente no que se refere às suas variações fonético-fonológicas. Além disso, pretende-se colaborar com futuras pesquisas voltadas para a descrição e documentação das línguas indígenas da região do Alto Solimões.

Embora existam pesquisas voltada para as comunidades que falam a Língua Tikuna, ainda há necessidade de estudos que descrevam e analisem, de forma mais específica, as variações fonético-fonológicas observadas na fala de acadêmicos provenientes de diferentes comunidades indígenas. Nesse sentido, este trabalho procura contribuir para preencher essa lacuna, tomando como foco os acadêmicos das comunidades indígenas Tikuna de Feijoal e Betânia.

Diante disso, surge o seguinte questionamento: de que maneira as variações fonético-fonológicas dos segmentos consonantais e vocálicos se manifestam na fala dos acadêmicos

---

<sup>3</sup> **Dautchitape’e**: é o nome indígena da comunidade Tikuna de Feijoal, que significa ‘terra de ponta firme’, devido à sua localização estratégica entre o igarapé e a terra de ponta firme. Essa posição é especialmente importante durante o período de cheia, quando o igarapé funciona como um canal que permite aos cardumes de peixes migrar para outros canais que desembocam no rio Solimões.

<sup>4</sup> **Me’cürane**: é o nome indígena da comunidade Tikuna de Betânia, que significa ‘Aquele que tem uma cauda bonita’. O nome da comunidade é uma homenagem ao primeiro cacique da comunidade de Betânia.

Tikuna das comunidades de Feijoal e Betânia? Existem diferenças significativas entre as formas de realização desses segmentos nas falas dos acadêmicos das duas comunidades investigadas? Essas questões orientam a presente pesquisa e servem de base para a análise dos dados coletados em campo.

Partimos da hipótese de que a fala dos acadêmicos Tikuna das comunidades de Feijoal e Betânia apresenta diferenças na realização de determinados segmentos consonantais e vocálicos, evidenciando fenômenos de variação fonético-fonológica próprios de cada falante das duas comunidades. Considera-se ainda que fatores linguísticos e geográficos podem influenciar a ocorrência dessas variantes, contribuindo para a diversidade linguística observada entre os acadêmicos falantes da Língua Tikuna na região do Alto Solimões.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar as variações fonético-fonológicas dos segmentos consonantais e vocálicos presentes na fala dos acadêmicos Tikuna das comunidades de Feijoal e Betânia, localizadas na região do Alto Solimões.

Para alcançar esse objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) identificar as variações fonético-fonológicas dos segmentos consonantais e vocálicos ocorridas na fala dos acadêmicos Tikuna das comunidades de Feijoal e Betânia; b) verificar a ocorrência de alguns fenômenos fonético-fonológicos presentes na fala dos participantes da pesquisa; e c) comparar as realizações fonético-fonológicas identificadas nas comunidades de Feijoal e Betânia, buscando compreender as diferenças e semelhanças entre as variedades analisadas.

4

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Breve Conceito de Língua e a Obra Póstuma Curso de Linguística Geral

A compreensão do conceito de língua constitui um dos fundamentos para os estudos linguísticos e para a análise dos fenômenos de variação observados nas diferentes comunidades de fala. Nesse sentido, torna-se importante retomar algumas concepções teóricas presentes na obra *Curso de Linguística Geral*, publicada postumamente em 1916 por Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir das anotações de estudantes que acompanharam os cursos ministrados por Ferdinand de Saussure entre os anos de 1907 e 1911.

O *Curso de Linguística Geral* é considerado um marco para a consolidação da Linguística como ciência da linguagem humana, sobretudo por delimitar a língua como um de seus principais objetos de estudo. Nessa perspectiva, a língua é concebida como um sistema organizado de signos que se relacionam entre si e funcionam de maneira integrada. Conforme afirma Martelotta (2018, p. 114), “[...] a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades

que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente.”. Dessa forma, compreende-se que a língua é formada por unidades interdependentes que se articulam para possibilitar a comunicação e a interação social entre os indivíduos de uma comunidade linguística.

A influência das concepções saussurianas permanece presente em grande parte dos estudos linguísticos contemporâneos. Ao discutir a noção de língua proposta por Saussure, Labov (2008, p. 217) destaca que a *langue* deve ser distinguida da *parole* (fala) e da *langage* (linguagem), sendo compreendida como a dimensão social da linguagem. Para o autor, a língua não existe de forma isolada, mas como resultado de um acordo compartilhado entre os membros de uma comunidade. Essa perspectiva evidencia que os estudos linguísticos não podem desconsiderar o contexto social em que a língua é utilizada.

Ao tratar da dinâmica das línguas, Calvet (2002) observa que as mudanças linguísticas ocorrem de forma permanente, tanto em perspectiva histórica quanto no uso cotidiano dos falantes. Segundo o autor, uma mesma língua pode apresentar diferenças de pronúncia, vocabulário e estruturas linguísticas em distintas regiões geográficas, evidenciando que a diversidade linguística constitui uma característica natural das línguas humanas.

As contribuições de Saussure, Labov e Calvet permitem compreender a língua como um sistema social, dinâmico e heterogêneo, sujeito a transformações constantes decorrentes de fatores linguísticos e socioculturais. Nessa perspectiva, torna-se necessário aprofundar a discussão acerca de um dos fenômenos mais relevantes para os estudos linguísticos contemporâneos: a variação linguística. Assim, na subseção seguinte serão apresentados os principais conceitos relacionados à variação linguística, seus fundamentos teóricos e sua importância para a compreensão da diversidade existente nas línguas naturais.

### 2.1.1 Variação Linguística

A variação linguística constitui um dos princípios fundamentais para a compreensão das línguas naturais. Sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, toda língua apresenta diferentes formas de realização, as quais coexistem em uma mesma comunidade de fala e são condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Dessa forma, a heterogeneidade não deve ser compreendida como desvio ou irregularidade, mas como uma característica inerente ao funcionamento da língua.

Nesse sentido, Mollica (2015) afirma que a variação linguística é um fenômeno universal presente em todas as línguas humanas e pressupõe a existência de formas alternativas de

expressão, denominadas variantes. Segundo Maria Cecília Mollica (2015, p. 10-11), “[...] a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente.”.

Ao discutir a diversidade linguística, Serra (2018) destaca que toda comunidade de fala apresenta diferentes maneiras de expressar um mesmo conteúdo, o que evidencia a inexistência de uma língua completamente homogênea. Conforme o autor:

Toda comunidade é caracterizada pelas diferentes formas de falar — variedades linguísticas. Assim, qualquer língua falada por um grupo de pessoas sempre apresenta variedades. A língua não se apresenta como entidade homogênea, sendo representada pelo conjunto de suas diversidades, que constituem uma qualidade inerente ao fenômeno linguístico (Serra, 2018, p. 19).

Nessa perspectiva, a diversidade linguística deve ser compreendida como uma característica constitutiva das línguas humanas. As diferenças observadas entre falantes, grupos sociais ou regiões geográficas refletem processos históricos, culturais e sociais que influenciam continuamente o desenvolvimento linguístico.

Dessa forma, as variantes linguísticas podem coexistir durante longos períodos ou, eventualmente, dar origem a processos de mudança que resultam na substituição de determinadas formas por outras. Tais mudanças refletem a capacidade adaptativa das línguas e sua constante interação com os contextos socioculturais em que são utilizadas.

Considerando essas contribuições teóricas, compreende-se que a variação linguística é um fenômeno natural e universal, presente em todas as línguas humanas. Sua análise permite identificar padrões de uso, compreender processos de mudança e reconhecer a diversidade linguística como elemento constitutivo da linguagem. Essa concepção é particularmente relevante para o presente estudo, uma vez que possibilita compreender as diferenças fonético-fonológicas observadas entre falantes da língua Tikuna pertencentes a distintas comunidades indígenas da região do Alto Solimões.

A compreensão da variação linguística como um fenômeno inerente às línguas naturais evidencia que as diferenças observadas entre falantes não ocorrem de maneira aleatória, mas são condicionadas por diferentes fatores que atuam sobre os usos linguísticos. Dessa forma, para compreender os mecanismos que favorecem a ocorrência dessas variações, torna-se necessário examinar os fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos nesse processo. Assim, a

subseção seguinte discutirá os principais fatores responsáveis pela variação linguística observada nas diferentes comunidades de fala.

### 2.1.2 Fatores condicionadores da variação linguística

A Sociolinguística Variacionista compreende que a ocorrência da variação linguística não é aleatória, mas condicionada por diferentes fatores que influenciam o comportamento linguístico dos falantes. Esses fatores podem ser classificados em extralinguísticos (sociais) e intralinguísticos (estruturais), os quais atuam conjuntamente na produção e na distribuição das variantes presentes em uma comunidade de fala.

Nesse sentido, Silva (2009) destaca que toda análise linguística deve considerar tanto aspectos internos quanto externos à língua. Entre os fatores extralinguísticos mais frequentemente observados nos estudos sociolinguísticos destacam-se a região geográfica, a faixa etária, o sexo ou gênero, o grau de escolaridade, a classe social e os diferentes estilos de fala adotados pelos indivíduos. Conforme a autora (2009, p. 14), “[...] ao empreendermos uma análise linguística, devemos considerar parâmetros linguísticos e não linguísticos. Dentre os fatores não linguísticos ressaltamos: região geográfica, faixa etária, gênero, estilo, grau de instrução e classe social.”.

Esses fatores contribuem para explicar por que determinados grupos utilizam certas formas linguísticas com maior frequência do que outros. Assim, as diferenças observadas entre falantes de comunidades distintas não representam desvios da língua, mas refletem experiências históricas, sociais e culturais específicas.

Além dos fatores sociais, a variação pode ser condicionada por elementos internos ao próprio sistema linguístico. Nesse sentido, Mollica (2012) afirma que as variáveis linguísticas podem estar relacionadas aos diferentes níveis de organização da língua, tais como os aspectos fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. Conforme a autora (2012, p. 23), “[...] as variáveis internas à língua podem ser de natureza fonética, fonológica, morfossintática, semântica, discursiva e lexical, estando relacionadas aos diversos subsistemas linguísticos.”.

Entre esses níveis, a variação fonético-fonológica assume especial relevância para esta pesquisa, uma vez que envolve diferentes formas de realização dos sons da fala. Conforme explica Silva (2014), a Fonética dedica-se ao estudo da produção, transmissão e percepção dos sons da linguagem, enquanto a Fonologia analisa a organização desses sons dentro do sistema linguístico.

Desse modo, a investigação das variantes fonético-fonológicas permite compreender como determinados segmentos sonoros podem apresentar diferentes realizações entre grupos de falantes pertencentes a uma mesma comunidade linguística ou a comunidades distintas.

Os fatores internos e externos à língua demonstram que os fenômenos variáveis podem ser condicionados tanto pela estrutura linguística quanto pelos aspectos sociais que caracterizam os falantes. Considerando que esta pesquisa tem como foco uma língua indígena específica, torna-se relevante compreender como esses processos de variação se manifestam no contexto da língua Tikuna. Nesse sentido, a próxima subseção abordará a variação linguística interna dessa língua, destacando aspectos relacionados à sua dinâmica de uso e às particularidades observadas entre seus falantes.

### **2.1.3 Variação linguística na língua Tikuna**

A língua Tikuna é considerada uma das mais importantes línguas indígenas da Amazônia brasileira, sendo falada principalmente na região do Alto Solimões, abrangendo comunidades localizadas nos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, Santo Antônio do Içá, Tonantins e áreas vizinhas. Além do território brasileiro, a língua também possui falantes em regiões da Colômbia e do Peru.

Embora seja considerada uma língua isolada, isso não significa que a língua Tikuna seja homogênea. Como ocorre em qualquer língua natural, diferentes formas de realização linguística podem ser observadas entre seus falantes. Nesse sentido, Serra (2018) destaca que a diversidade linguística constitui uma característica inerente às comunidades Tikuna, refletindo aspectos históricos, geográficos e socioculturais que influenciam a dinâmica da língua.

As discussões apresentadas evidenciam que a língua Tikuna, assim como qualquer outra língua natural, está sujeita a processos de variação e mudança decorrentes de fatores históricos, sociais, geográficos e linguísticos. No entanto, para compreender de maneira mais específica os fenômenos investigados neste estudo, torna-se necessário conhecer os elementos sonoros que compõem essa língua. Assim, a subseção seguinte apresentará os segmentos vocálicos e consonantais da língua Tikuna, fornecendo a base teórica necessária para a análise fonético-fonológica proposta nesta pesquisa.

### **2.1.4 Aspectos da língua Tikuna**

A língua Tikuna é reconhecida como tonal e como apresentando complexidades tanto em termos da sua fonologia, quanto da sua sintaxe. Nesta seção, damos atenção, principalmente,

a aspectos da língua importantes para a nossa dissertação: alguns fatos de fonética e fonologia e da gramática, com destaque para a modalidade epistêmica, de presença importante na narrativa que obtivemos e que integra, como fonte de dados, a nossa investigação.

### 2.1.5 Sons vocálicos e consonantais

No centro da sílaba ocorrem sons vocálicos orais, nasais e som consonantal (cf: Soares, 1986, p.104- 108). Assim:

**Quadro 1** – Sons vocálicos orais

|              | anterior | central | posterior |
|--------------|----------|---------|-----------|
| fechado      | i        | ɨ       | u         |
| meio-fechado |          | ə       | o         |
| meio-aberto  | ɛ        |         |           |
| aberto       |          | a       |           |

**Fonte:** Adaptado por Soares (1986).

**Quadro 2** – sons vocálicos nasais

|              | anterior | central | posterior |
|--------------|----------|---------|-----------|
| fechado      | ĩ        | ɨ̃      | ũ         |
| meio-fechado |          | ẽ       | õ         |
| meio-aberto  | ẽ        | ĩ̃      | õ̃        |
| aberto       |          | ã       |           |

**Fonte:** Adaptado por Soares (1986).

### 2.1.6 Fonética e fonologia

Alguns aspectos da fonética e da fonologia do Tikuna foram considerados em um artigo anterior (Soares 1986) do qual selecionamos algumas informações sobre os níveis segmental e supra-segmental. Essas informações são reapresentadas abaixo acrescidas de outras que, retiradas de trabalhos posteriores, são aqui pertinentes.

### 2.1.7 Consoantes

**Quadro 3** - Sons consonantais que ocorrem em início de sílaba

|                   | Glotal | Uvular | Velar             | Palatal | Alveolar | Bilabial          |
|-------------------|--------|--------|-------------------|---------|----------|-------------------|
| Oclusivas surdas  | ʔ      | q      | k, k <sup>w</sup> |         | t        | p                 |
| Sonoras           |        |        | g, g <sup>w</sup> |         | d        | b                 |
| Aspiradas         |        |        | k <sup>h</sup>    |         |          |                   |
| Africadas surdas  |        |        |                   |         | tʃ       |                   |
| Sonoras           |        |        |                   |         | dʒ       |                   |
| Fricativas surdas |        |        |                   |         | ʃ        | ɸ, ɸ <sup>w</sup> |

|             |  |  |   |   |   |                   |
|-------------|--|--|---|---|---|-------------------|
| Sonoras     |  |  |   |   | z | β, β <sup>w</sup> |
| Nasais      |  |  | ŋ | ɲ | n | m                 |
| Aproximante |  |  | w |   |   |                   |
| Tap         |  |  |   |   | r |                   |

**Fonte:** Adaptado por Soares (1986).

Em final de sílaba ocorre oclusiva glotal e, além dela, pode haver nessa posição uma nasal velar que constitui uma transição entre um som vocálico nasal precedente e uma oclusiva velar seguinte ou que é fruto, na fala de certos indivíduos, de um processo de ressilabificação.

Se praticada uma análise fonológica em que se busca apenas o contraste, pode-se dizer que o Tikuna apresenta o seguinte quadro de fonemas consonantais:

**Quadro 4** - Sons consonantais que ocorrem em final de sílaba

| Modo/lugar de articulação | Glotal | Velar             | Palatal | Alveolar | Labial |
|---------------------------|--------|-------------------|---------|----------|--------|
| Oclusivas surdas          | ʔ      | k, k <sup>w</sup> |         | t        | p      |
| Sonoras                   |        | g                 |         | d        | b      |
| Africada surda            |        |                   |         | tʃ       |        |
| Sonora                    |        |                   |         | dʒ       |        |
| Nasais                    |        | ŋ                 | ɲ       | n        | m      |
| Aproximante               |        | w                 |         |          |        |
| Tap                       |        |                   |         | r        |        |

**Fonte:** Adaptado por Soares (1986).

### 2.1.8 Representação dos dados e informações sobre a ortografia Tikuna. Correspondência entre representações.

Para a representação fonética dos dados em Tikuna, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional (AFI, também referido como IPA, do inglês *International Phonetic Alphabet*). Ao mesmo tempo, nossos dados são apresentados sob a forma escrita em Tikuna. E, sempre que necessário, mostramos a representação fonológica de vários dados.

O sistema de correspondências aqui adotado — entre unidades gráficas, símbolos fonéticos e unidades fonológicas — fundamenta-se na proposta metodológica desenvolvida por Serra (2018, p.69) em sua dissertação de Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas, defendida no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em seu estudo sobre a variação linguística do Tikuna na tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, o autor estabelece um quadro sistemático de correlações tripartites (grafema, fone e fonema) que se revela particularmente adequado para dar conta da complexidade fonético-fonológica de uma língua tonal como o Tikuna, cujas realizações sonoras escapam frequentemente às convenções ortográficas.

Com base nesse instrumental, apresentamos a seguir a correspondência entre unidades gráficas, símbolos fonéticos e unidades fonológicas tal como empregada neste trabalho.

**Quadro 5** – Correspondência entre unidades gráficas (consoantes), símbolos fonéticos e unidades fonológicas

| Grafia <sup>5</sup> | Representação fonética | Representação fonológica |
|---------------------|------------------------|--------------------------|
| b                   | [b]                    | /b/                      |
| c, qu <sup>6</sup>  | [k]                    | /k/                      |
| d                   | [d]                    | /d/                      |
| f <sup>7</sup>      | [ɸ]                    | /ɸ/                      |
| g                   | [g]                    | /g/                      |
| m                   | [m]                    | /m/                      |
| n                   | [n]                    | /n/                      |
| nh                  | [ɲ]                    | /ɲ/                      |
| ng                  | [ŋ]                    | /ŋ/                      |
| p                   | [p]                    | /p/                      |
| r                   | [r]                    | /r/                      |
| t                   | [t]                    | /t/                      |
| tch                 | [tʃ]                   | /tʃ/                     |
| w                   | [w], [β], [β̞]         | /β/                      |
| y <sup>8</sup>      | [dʒ]                   | /dʒ/                     |

**Fonte:** Adaptado por Serra (2018).

**Quadro 6** – Correspondência entre unidades gráficas (vogais), símbolos fonéticos e unidades fonológicas

| Grafia | Representação fonética | Representação fonológica |
|--------|------------------------|--------------------------|
| u      | [u], [ʊ], [o]          | /u/                      |
| i      | [i], [ɪ]               | /i/                      |
| ü      | [i̥], [ə]              | /i̥/                     |
| o      | [ɔ]                    | /o/                      |
| e      | [ɛ], [e]               | /ɛ/                      |
| a      | [a]                    | /a/                      |

**Fonte:** Adaptado por Serra (2018).

<sup>5</sup> A apresentação das letras aqui se dá conforme sua ordem de aparecimento no alfabeto utilizado, até o momento, pelos Tikuna do lado brasileiro. Na escrita do Tikuna, tal como praticada no Brasil, o sinal de apóstrofo indica a oclusão glotal. O til indica nasalidade e os tons não são representados na escrita, a menos que o contexto não seja suficiente para retirar a ambiguidade porventura existente.

<sup>6</sup> A dupla grafia segue a convenção latina (<c> antes de /a, o, u/; <qu> antes de /i, e/). Fonologicamente, é um único fonema.

<sup>7</sup> A letra <f> alcançou um lugar (restrito) na representação escrita do Tikuna no Brasil, em razão da reivindicação daqueles que falantes que tinham (têm) a realização [ɸ] em sua produção linguística.

<sup>8</sup> Grafia <y> com valor de [dʒ] (africada palato-alveolar sonora) é convenção própria do Tikuna (diferente do AFI, onde [y] é vogal anterior arredondada). Também aparece grafado como <dj> em alguns materiais.

Essa distinção é particularmente importante para esta pesquisa, pois o objetivo não consiste apenas em identificar os fonemas existentes na língua Tikuna, mas também observar possíveis variações em suas realizações fonéticas entre falantes oriundos de diferentes comunidades indígenas.

### 2.1.8 Tons

Em Soares (1986), reconheceu-se para o Tikuna a existência de cinco níveis de altura, indo os níveis de altura utilizados do baixo ao alto, passando pelo meio-baixo e meio-alto. Os mesmos níveis de altura foram reconhecidos em Anderson (1959) e em Montes (1987).

Há ainda na língua contornos no plano da altura, coincidindo os pontos extremos do contorno com os níveis de altura existentes.

Levando-se em conta os contrastes observados entre os níveis de altura, pode ser reconhecida a existência imediata de dois tons fonológicos na língua, os tons alto e baixo. O tom alto tem como urna de suas realizações a altura (pitch) meio-alta, e o tom baixo inclui entre suas realizações a altura meio-baixa. O contraste entre ambos pode ser observado quer em sílaba longa, quer em sílaba breve.

## 3 METODOLOGIA

### 3.1 Caracterização da Pesquisa

No que se refere à abordagem metodológica, a investigação possui caráter predominantemente qualitativo, pois procura compreender os fenômenos linguísticos observados a partir de sua ocorrência em contexto real de uso da língua. Paralelamente, utiliza pressupostos da Sociolinguística Variacionista, considerando a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos na produção da fala.

Como procedimentos metodológicos, foram realizados levantamento bibliográfico, pesquisa documental, observação direta em campo, entrevistas, gravações de fala e registros em diário de campo. Os dados analisados foram coletados durante a execução do projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o que possibilitou a realização do trabalho de campo juntos aos acadêmicos indígenas Tikuna das duas comunidades indígenas e a constituição do corpus desta pesquisa. A análise dos dados fundamenta-se na gramática da língua Tikuna e nos estudos de Soares (1995b, 1996, 1998, 2000), bem como nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista desenvolvidos por Labov (1994, 2001, 2003, 2008).

### 3.2 Contexto da Pesquisa

Foram investigadas duas comunidades pertencentes ao território tradicional do povo Tikuna: Feijoal, localizada no município de Benjamin Constant, com população estimada de 4.279 habitantes (IBGE, 2022); e Betânia, comunidade indígena Tikuna situada no município de Santo Antônio do Içá (AM), com 4.872 habitantes (IBGE, 2022). Ambas se destacam pela expressiva vitalidade linguística, evidenciada pelo uso amplo e contínuo da língua Tikuna em práticas cotidianas, relações familiares, atividades comunitárias e no contexto educacional.

Embora são pertencentes a mesma etnia, as duas comunidades encontram-se geograficamente separadas, fator que pode favorecer o desenvolvimento de particularidades linguísticas locais, especialmente no nível fonético-fonológico. Esse contexto constitui elemento relevante para a investigação da variação linguística entre os falantes participantes desta pesquisa.

### 3.3 Participantes da Pesquisa

Dada à diversidade presente na região do Alto Solimões, foram selecionados cinco acadêmicos indígenas Tikuna de cada comunidades indígenas Tikuna que pertencem a municípios onde foi e está sendo realizada a pesquisa: Feijoal (Benjamin Constant) e Betânia (Santo Antônio do Içá).

A seleção dos participantes considerou critérios sociolinguísticos relacionados à comunidade de origem, faixa etária, gênero, escolaridade e características linguísticas observadas durante a coleta de dados. Também foram consideradas informações referentes à trajetória pessoal, familiar e comunitária dos participantes, por constituírem elementos importantes para a compreensão do fenômeno investigado.

A amostra foi composta por dez acadêmicos indígenas (homens e mulheres) Tikuna que apresentavam domínio da língua e disponibilidade para participar das atividades de coleta de dados.

### 3.4 Corpus da Pesquisa

O corpus da pesquisa é constituído por registros de fala de dez acadêmicos indígenas Tikuna, sendo cinco residentes na comunidade de Feijoal e cinco na comunidade de Betânia. Os participantes são falantes nativos da língua Tikuna e representam o universo investigado neste estudo, composto por acadêmicos indígenas dessas duas comunidades.

Para fins de análise, os participantes foram distribuídos nas seguintes faixas etárias: 15 a 20 anos, 20 a 25 anos, 25 a 30 anos e 30 a 35 anos.

Os dados analisados correspondem a ocorrências fonético-fonológicas observadas nos segmentos vocálicos e consonantais da língua Tikuna, especialmente aquelas relacionadas à variação linguística percebida na fala dos participantes. O corpus foi construído a partir de entrevistas, gravações de voz, observações diretas e registros realizados durante o trabalho de campo, possibilitando a identificação de fenômenos como queda, substituição e outras variações envolvendo segmentos vocálicos e consonantais.

### 3.5 Instrumentos de Coleta de Dados

Para a obtenção dos dados foram utilizados diferentes instrumentos de pesquisa.

O primeiro instrumento consistiu em entrevistas realizadas com os participantes, por meio das quais foram coletadas os dados relevantes para alcance dos objetivos do presente estudo.

Foram realizadas, ainda, gravações de áudio com duração de 30 minutos, coletadas em contextos naturais de interação, as quais possibilitaram o registro das produções linguísticas dos participantes, viabilizando análises detalhadas dos fenômenos observados.

Outro instrumento empregado foi a observação direta em campo, realizada durante as visitas às comunidades investigadas. Esse procedimento possibilitou acompanhar situações reais de uso da língua Tikuna.

Além disso, foi utilizado um diário de campo para registrar informações relacionadas às histórias de vida, experiências comunitárias, aspectos culturais e observações linguísticas consideradas relevantes para a pesquisa.

### 3.6 Procedimentos de Coleta

A coleta de dados ocorreu em etapas sucessivas. Inicialmente, realizou-se levantamento bibliográfico e estudo das principais obras relacionadas à Sociolinguística Variacionista, à fonética, à fonologia e à descrição linguística da língua Tikuna. Posteriormente, foram realizadas visitas de campo às comunidades participantes, ocasião em que ocorreram observações diretas, entrevistas e gravações de fala. Durante esse processo, também foram efetuados registros sistemáticos em diário de campo.

Na comunidade de Betânia, a observação e o mapeamento inicial dos fenômenos linguísticos permitiram identificar características particulares dos falantes locais, fornecendo subsídios para a análise comparativa entre as comunidades investigadas.

### 3.7 Procedimentos de Análise

Os dados coletados foram organizados, sistematizados e submetidos à análise linguística com base nos referenciais da Sociolinguística Variacionista e da Fonética e Fonologia da língua Tikuna.

Inicialmente, os registros de fala foram examinados para identificação das ocorrências de variação fonético-fonológica presentes nos segmentos vocálicos e consonantais. Em seguida, procedeu-se à descrição dos fenômenos observados, considerando fatores linguísticos e sociolinguísticos potencialmente relacionados às ocorrências identificadas.

A análise fonética concentrou-se na realização concreta dos sons produzidos pelos participantes, enquanto a análise fonológica buscou compreender o comportamento desses segmentos no sistema linguístico Tikuna.

Por fim, os resultados foram interpretados à luz dos estudos de Soares (1986) e dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, especialmente aqueles relacionados à correlação entre língua e sociedade, à variação linguística e aos condicionamentos linguísticos.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1.1 Parâmetros articulatórios, variação segmental e processos fonético-fonológicos observados nas falas dos acadêmicos oriundos das comunidades de Feijoal e Betânia

Segundo Silva (2009), a descrição dos segmentos vocálicos deve considerar aspectos articulatórios relacionados à altura da língua, anterioridade/posterioridade e arredondamento dos lábios. Esses parâmetros foram observados durante a análise comparativa das produções linguísticas registradas nas duas comunidades investigadas.

A primeira ocorrência analisada corresponde à palavra Tikuna i'rarüwa, cuja tradução aproximada para o português é “um pouco”. Segue abaixo a descrição ortográfica, tradução e transcrição fonética e fonológica dos dados coletados:

1. Feijoal:
  - a) Transcrição Ortográfica: I'rarüwa
  - b) Tradução aproximada: Um pouco
  - c) Transcrição fonética: [i.ɾa.ɾi.βa]

- d) Transcrição fonológica: /*[i.ra.ri.βa]*/
- 2. Betânia:
  - a) Transcrição Ortográfica: Inacürüa
  - b) Tradução aproximada: Um pouco
  - c) Transcrição fonética: *[i.na.ki.ɾi.a]*
  - d) Transcrição fonológica: /*[i.na.ki.ɾi.a]*/

A comparação entre as duas formas evidencia diferenças significativas na organização fonética e fonológica da palavra. Em Feijoal, observa-se a manutenção do segmento consonantal tepe alveolar vozeado *[ɾ]* em duas posições da palavra, bem como a realização da fricativa bilabial sonora *[β]* na sílaba final. Em Betânia, por outro lado, verifica-se a substituição de uma das ocorrências do tepe alveolar *[ɾ]* pela oclusiva velar surda *[k]*, além do apagamento da fricativa bilabial *[β]*.

Tal divergência pode estar associada a fatores de ordem sociolinguística, como a distância geográfica entre as comunidades e os distintos processos históricos de formação de cada uma delas. Feijoal (Dautchitape'e) localiza-se à margem direita do rio Solimões, em Benjamin Constant, e constituiu-se em uma ponta de terra firme com dinâmica própria de ocupação; Betânia (Mecürane), por sua vez, situa-se no município de Santo Antônio do Içá e originou-se como aldeamento missionário, fundado em 1961 pelo missionário norte-americano Eduardo Horrel. Essas diferentes trajetórias de povoamento — somadas à relativa autonomia comunicativa entre os dois núcleos, típica das comunidades Tikuna do Alto Solimões — podem ter favorecido a fixação de variantes fonéticas distintas em cada localidade. Ressalva-se, contudo, que a identificação precisa dos fatores sociolinguísticos condicionantes dessas variações demanda análises complementares, ora em andamento, razão pela qual as considerações aqui apresentadas possuem caráter preliminar.

Do ponto de vista fonético, a alternância entre *[ɾ]* e *[k]* representa uma diferença articulatória relevante. O segmento *[ɾ]* é produzido por um rápido toque da ponta da língua na região dos alvéolos, enquanto o *[k]* é articulado com uma obstrução completa da corrente de ar na parte posterior da boca, na região do véu palatino. Do ponto de vista articulatório, não se trata de uma troca natural ou comum entre esses dois sons, o que leva a pensar que a ocorrência de *[k]* em Betânia pode estar relacionada a outros fatores. Entre as possibilidades, pode-se considerar a influência do sistema tonal da língua Tikuna sobre a realização das consoantes, ou ainda uma mudança motivada pela forma como os falantes reorganizam internamente a estrutura das palavras. Também não se pode descartar a hipótese de que a substituição esteja

ocorrendo palavra por palavra, e não de forma generalizada no sistema fonológico. Para confirmar qualquer uma dessas possibilidades, porém, é necessário aprofundar a investigação, levando em conta as variáveis sociolinguísticas e o contexto em que a alternância aparece. Trata-se, portanto, de sons que diferem tanto no ponto quanto no modo de articulação (Silva, 2009).

Sob a perspectiva fonológica, os dados sugerem que os acadêmicos oriundos das duas comunidades utilizam diferentes estratégias de realização fonética para representar um mesmo item lexical. Embora a referência semântica permaneça inalterada, os mecanismos fonológicos empregados pelos falantes diferem significativamente. Tal fato demonstra que a variação observada não compromete a inteligibilidade entre os falantes, mas constitui um traço característico das variedades locais da língua Tikuna.

A análise da estrutura silábica também revela diferenças relevantes. Em Feijoal, a palavra é realizada como [i.ra.ri.βa], enquanto em Betânia ocorre a forma [i.na.ki.ri.a]. Essa diferença evidencia modificações na composição silábica da palavra, incluindo substituições segmentais — como a troca do tepe alveolar [r] pela consoante nasal [n] na segunda sílaba ([ra] → [na]) e, na terceira sílaba, a substituição do tepe alveolar [r] pela oclusiva velar [k] ([ri] → [ki]) — e redução de elementos consonantais — a exemplo do apagamento da fricativa bilabial [β] na sílaba final ([βa] → [a]). Particularmente, observa-se a substituição da sequência inicial contendo a sílaba "ra" por uma estrutura envolvendo "ki", além da ausência da sílaba final contendo o segmento [β].

17

Esses resultados confirmam o que Serra (2018) já havia observado sobre o caráter dinâmico da língua Tikuna e sobre a existência de diferenças na forma de falar entre comunidades do mesmo grupo étnico. No estudo dele, o autor registrou diferenças na pronúncia e no vocabulário entre aldeias Tikuna localizada no lado do território brasileiro, peruano e colombiano, mostrando que a distância geográfica e a maneira como as comunidades se relacionam favorecem o surgimento de jeitos próprios de falar em cada lugar.

Da mesma forma, a presente pesquisa identificou, ao comparar Feijoal e Betânia, diferenças significativas na forma de pronunciar as palavras — como a troca do som [r] pelo som [k], a substituição de [r] por [n] na segunda sílaba e o desaparecimento do som [β] no final da palavra —, o que aponta para a mesma direção: as diferenças dentro da língua Tikuna não acontecem por acaso, mas estão ligadas à história e à organização social de cada comunidade. De modo semelhante, os resultados também confirmam os princípios da Sociolinguística

Variacionista, segundo os quais a variação é uma característica natural das línguas (Labov, 2008; Bagno, 2007).

#### 4.1.2 Análise da variação fonético-fonológica da palavra *ca'na*

A segunda ocorrência analisada corresponde à palavra *ca'na*, cuja tradução aproximada é *não é mesmo?* Nos dados coletados, observou-se que os falantes da comunidade indígena de Feijoal realizam essa palavra como [ka.na], enquanto os falantes da comunidade de Betânia a produzem como [kɪ.na]. Segue abaixo a descrição ortográfica, tradução e transcrição fonética dos dados coletados:

1. Feijoal:
  - a) Transcrição Ortográfica: *ca'na*
  - b) Tradução aproximada: *não é mesmo?*
  - c) Transcrição fonética: [ka.na]
  - d) Transcrição fonológica: /ka.na/
2. Betânia:
  - a) Transcrição Ortográfica: *cüna*
  - b) Tradução aproximada: *não é mesmo?*
  - c) Transcrição fonética: [kɪ.na]
  - d) Transcrição fonológica: /kɪ.na/

Do ponto de vista fonético, a principal diferença entre as duas realizações encontra-se na vogal da primeira sílaba. Na variedade registrada em Feijoal ocorre a vogal central baixa [a], articulada com a língua em posição mais rebaixada no trato vocal. Já na variedade observada em Betânia verifica-se a presença da vogal central alta [ɪ], produzida com elevação do corpo da língua em direção ao palato. Trata-se, portanto, de uma variação relacionada ao parâmetro articulatorio da altura vocálica.

Sob a perspectiva fonológica, essa alternância evidencia a ocorrência de variantes distintas para um mesmo item lexical, sem que haja alteração do significado da palavra. Nesse caso, as formas [ka.na] e [kɪ.na] mantêm equivalência semântica e desempenham a mesma função comunicativa nas duas comunidades investigadas. Tal comportamento confirma a concepção sociolinguística de que diferentes variantes podem coexistir em uma língua sem comprometer a comunicação entre os falantes (Mollica; Braga, 2015).

Do ponto de vista sociolinguístico, a distribuição dessas variantes parece estar associada à comunidade de origem dos falantes. Em Feijoal observa-se maior frequência da vogal baixa

[a], enquanto em Betânia predomina a realização da vogal alta [i]. Conforme os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, diferenças dessa natureza podem funcionar como marcadores identitários de grupos de fala, o que se torna ainda mais relevante quando se considera o perfil dos informantes desta pesquisa — acadêmicos que deixaram suas comunidades de origem e que, por força da trajetória universitária, mantêm contato cotidiano com outras línguas, em particular o português, e com referenciais culturais distintos daqueles em que foram socializados.

Nesse contexto, fatores de ordem extralinguística — como o grau de escolarização, o tempo de permanência fora da aldeia, a intensidade e a frequência das redes de contato com a comunidade de origem, bem como as atitudes linguísticas em relação ao Tikuna e ao português — podem estar condicionando a manutenção ou o abandono de determinadas variantes. Simultaneamente, não se pode desconsiderar os condicionantes de natureza linguística, como a posição do segmento na estrutura silábica, o contexto segmental adjacente e o acento prosódico, uma vez que a variação raramente se explica por um único fator e tende a resultar da interação entre dimensões internas e externas à língua.

A articulação entre esses diferentes níveis de análise permite compreender as escolhas variantes não como fenômenos isolados, mas como práticas sociais que refletem tanto a trajetória individual dos falantes quanto os valores simbólicos atribuídos a cada forma, permitindo reconhecer pertencimentos comunitários específicos (Labov, 2008).

Portanto, a palavra *ca'na* evidencia um processo de variação vocálica relacionado à altura da língua, revelando diferenças fonético-fonológicas sistemáticas entre os falantes Tikuna das comunidades de Feijoal e Betânia.

#### 4.2.3 Análise da variação fonético-fonológica da palavra *mõ'cü'ũta*

A terceira ocorrência analisada corresponde à palavra *mõ'cü'ũta*, traduzida aproximadamente como *espera aí*. Nos registros obtidos durante a pesquisa de campo, observou-se que os falantes da comunidade de Feijoal realizam essa palavra como [mõ.õ.ta], enquanto os falantes da comunidade de Betânia a produzem como [mõ.ki.i.ta]. Segue abaixo a descrição ortográfica, tradução e transcrição fonética dos dados coletados:

1. Feijoal:
  - a) Transcrição Ortográfica: *mõ'õta*
  - b) Tradução aproximada: *espera aí*
  - c) Transcrição fonética: [mõ.õ.ta]

- d) Transcrição fonética: /mõ.õ.ta/
- 2. Betânia:
  - a) Transcrição Ortográfica: mō'cū'#ta
  - b) Tradução aproximada: espera aí
  - c) Transcrição fonética: [mõ.ki.i.ta]
  - d) Transcrição fonética: /mõ.ki.i.ta/

A análise fonética demonstra diferenças significativas entre as duas realizações. Na variedade de Feijoal verifica-se a predominância de segmentos vocálicos nasalizados, especialmente a vogal média-alta nasal [õ], acompanhada da redução de elementos consonantais presentes na forma produzida em Betânia. Já nesta última comunidade observa-se a presença da consoante oclusiva velar surda [k], seguida da vogal central alta [i], configurando uma estrutura silábica mais extensa.

Do ponto de vista fonológico, os dados que levantei apontam para processos distintos de organização dos segmentos da palavra. Em Feijoal, a análise auditiva(perceptiva) sugere um possível processo de redução fonológica, com o aparente apagamento de segmentos consonantais internos, o que resulta em uma sequência mais simplificada. Em Betânia, por outro lado, notei a preservação da consoante velar [k] e da vogal [i], mantendo-se uma estrutura fonológica mais próxima da forma lexical completa. Reconheço, no entanto, que uma investigação acústica mais detalhada, a ser realizada em estudos futuros, poderia contribuir para confirmar ou refinar essas observações.

20

Essa diferença permite observar que os falantes das duas comunidades selecionam estratégias distintas para a realização do mesmo item lexical. Tal fenômeno confirma o princípio defendido por Labov (2008) de que a variação linguística não ocorre de maneira aleatória, mas segue padrões regulares condicionados por fatores sociais e estruturais. No caso em análise, identifiquei pelo menos dois padrões que se repetem de forma sistemática nos dados. O primeiro diz respeito à redução ou preservação de segmentos consonantais internos: em Feijoal, os falantes tendem a apagar consoantes em posição medial, enquanto em Betânia esses mesmos segmentos são mantidos.

O segundo padrão envolve a alternância vocálica entre [a] e [i], com Feijoal apresentando maior frequência da vogal baixa e Betânia da vogal alta. Quanto aos fatores que condicionam essas escolhas, do ponto de vista social, a comunidade de origem se mostrou o fator mais relevante, mas não se pode ignorar que os informantes são acadêmicos que deixaram suas aldeias — o que sugere que o tempo de afastamento, a frequência dos retornos à

comunidade e as atitudes linguísticas em relação ao Tikuna também podem estar atuando como condicionantes. Do ponto de vista estrutural, notei que o apagamento consonantal ocorre preferencialmente em posição de segunda sílaba e em contextos com vogais adjacentes, o que indica que a posição silábica e o ambiente segmental também estão entre os fatores que influenciam a variação observada.

Os dados que levantei também dialogam com as observações de Serra (2018) acerca da língua Tikuna, ao demonstrar que a diversidade de formas observadas entre diferentes comunidades não representa fragmentação linguística, mas sim manifestações legítimas da heterogeneidade constitutiva da língua. Da mesma forma, os resultados que encontrei são compatíveis com as descrições de Soares (1995; 1996; 1998) e Bonifácio (2019), que apontam a existência de variações fonéticas internas em diferentes contextos de uso da língua Tikuna — Soares documenta variações sobretudo a partir de narrativas orais e situações de discurso, enquanto Bonifácio as identifica na fala espontânea de professores Tikuna em contexto de entrevista. Meus dados, por sua vez, foram coletados nesse mesmo tipo de situação: realizei entrevistas com gravação de voz, deixando os participantes falarem de forma espontânea. O que notei, portanto, é que a variação não se restringe a um único gênero ou situação comunicativa, mas atravessa diferentes práticas de fala, o que reforça que se trata de um traço estrutural da língua, e não de um fenômeno casual ou idiossincrático.

Portanto, a análise da palavra mō'cū'ūta me permitiu observar a ocorrência de processos de redução, apagamento e preservação segmental, que constituem evidências importantes da variação fonético-fonológica existente entre os acadêmicos Tikuna oriundos das comunidades de Feijoal e Betânia. Tais processos, como discuti ao longo desta seção, não se manifestam de forma aleatória, mas se organizam de maneira sistemática, o que reforça a compreensão de que a variação observada é um traço constitutivo da língua e não um desvio ou instabilidade na fala dos informantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar a variação fonético-fonológica dos segmentos vocálicos e consonantais na fala de acadêmicos indígenas Tikuna oriundos das comunidades indígena Tikuna de Feijoal, localizada no município de Benjamin Constant, e Betânia, situada no município de Santo Antônio do Içá, ambas na região do Alto Solimões, Amazonas. Partiu-se do problema de pesquisa relacionado à possibilidade de existência de diferenças fonético-fonológicas entre falantes de comunidades Tikuna geograficamente

distintas. A hipótese formulada sustentava que a distância geográfica, associada às especificidades históricas e socioculturais de cada comunidade, poderia favorecer a ocorrência de variantes fonético-fonológicas na língua Tikuna.

Os resultados obtidos permitem responder positivamente ao problema de pesquisa, uma vez que foram identificadas diferenças fonético-fonológicas relevantes na realização de determinados segmentos vocálicos e consonantais entre os falantes investigados. As análises realizadas evidenciaram a ocorrência de processos de substituição segmental, variação na altura vocálica, apagamento consonantal e reorganização silábica. Tais fenômenos puderam ser observados em itens lexicais como i'nacürüwa, ca'na e mō'cū'ũta, nos quais as formas registradas em Feijoal e Betânia apresentaram diferenças sistemáticas na realização dos segmentos fonéticos.

No caso da palavra ca'na, verificou-se uma alternância entre a vogal central baixa [a], registrada em Feijoal, e a vogal central alta [i], observada em Betânia, configurando uma variação relacionada à altura vocálica. Já na palavra mō'cū'ũta, constatou-se a ocorrência de diferenças estruturais mais amplas, envolvendo a preservação e o apagamento de segmentos consonantais e vocálicos, bem como alterações na organização silábica. De modo semelhante, a análise da palavra i'nacürüwa revelou processos de substituição consonantal, apagamento segmental e vocálico, evidenciando que as duas comunidades apresentam padrões distintos de realização fonética para um mesmo item lexical.

Esses resultados demonstram que a língua Tikuna, assim como qualquer língua natural, apresenta variação interna e heterogeneidade estrutural. Nesse sentido, os dados confirmam os pressupostos da Sociolinguística Variacionista propostos por Labov (2008), segundo os quais a variação linguística não constitui um fenômeno aleatório, mas um componente regular e sistemático do funcionamento das línguas.

Entre as principais contribuições deste estudo destaca-se a descrição de variantes fonético-fonológicas registradas em duas comunidades Tikuna ainda pouco exploradas sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. A pesquisa também reforça a importância da valorização das variedades linguísticas indígenas, demonstrando que as diferenças observadas entre os falantes não representam desvios ou incorreções, mas manifestações legítimas da diversidade linguística presente no interior da própria língua Tikuna.

Por fim, conclui-se que a língua Tikuna apresenta variações fonético-fonológicas sistemáticas entre as comunidades investigadas, confirmando sua natureza heterogênea, dinâmica e socialmente condicionada. Os resultados obtidos reforçam a relevância dos estudos

sociolinguísticos voltados às línguas indígenas brasileiras e evidenciam a necessidade de ampliar as pesquisas que contribuam para a documentação, descrição, valorização e fortalecimento do patrimônio linguístico e cultural do povo Tikuna.

## REFERÊNCIAS

Anderson, L. (1959). **As vogais do Tikuna com especial atenção ao sistema de cinco tonemas**. Publicações Avulsas do Museum Nacional; Série Lingüística Especial 1, 76-119.

BONIFÁCIO, Ligiane Pessoa dos Santos. **Contato linguístico Tikuna-Português no Alto Solimões – Amazonas**: um estudo sobre a variação do português falado por professores Tikuna. Rio de Janeiro, 2019.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. **Some sociolinguistic principles**. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (ed.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: indígenas. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: [https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/pdf/Censo2022\\_Indigenas\\_ebook.pdf](https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/pdf/Censo2022_Indigenas_ebook.pdf). Acesso em: 15 jul. 2026.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

Montes, E. (1987). **Vers une tonologie de la langue Tikuna**. Mémoire de D.E.A., Département de Linguistique, Université de Paris VII.

SILVA, Thaïs Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Thaïs Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Thaïs Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, Marília Facó. **Ritmo y tono en Tikuna**. In: ACTAS DE LAS SEGUNDAS JORNADAS DE LINGÜÍSTICA ABORIGEN. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1995. p. 147-161.

SOARES, Marília Facó. **Núcleo e coda: a sílaba em Tikuna**. In: WETZELS, Leo (org.). Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p. 195-263.

SOARES, Marília Facó. **Regulação rítmica e atuação do OCP em Tikuna**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 7-26, 1996.

SOARES, Marília Facó. **Sous-spécification tonale en Tikuna**. In: CARON, Bernard (org.). Actes du 16e Congrès des Linguistes. Oxford: Elsevier Sciences, 1998.

SOARES, Marília Facó. **O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica**. Campinas: UNICAMP, 2000.